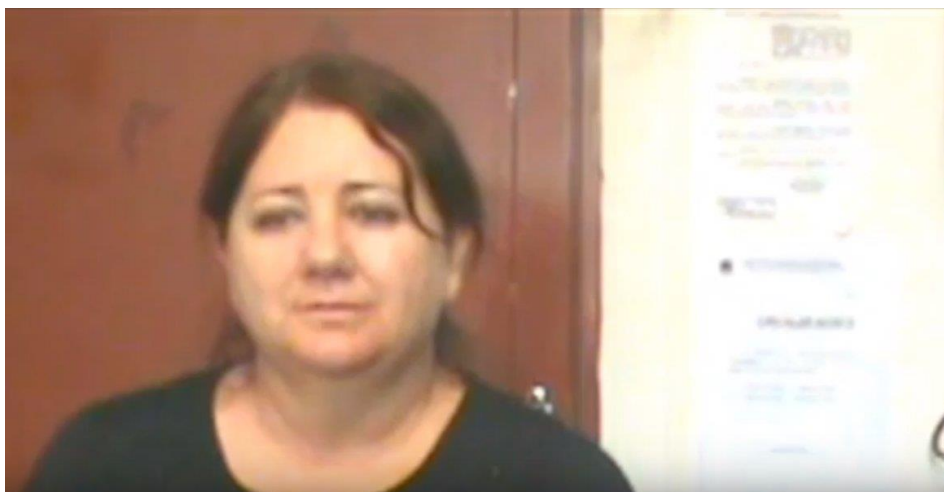


## O Trabalho de Serventes e Merendeiras

Análise crítica do filme “Serventes e Merendeiras” (2016)

**Fernando Álvares Cruz**



O vídeo que se pretende fazer uma análise sociológica, retrata a história de vida e trabalho de funcionárias públicas, da Escola Municipal Antônio Rubi Gimenes, escola de ciclo fundamental, localizada na região central da cidade de Cafelândia, no Estado de São Paulo.

O vídeo, traz quatro entrevistas com duas serventes e duas merendeiras, essas mulheres trabalhadoras, relatam suas histórias de vida e suas experiências laborais, suas rotinas de casa e do trabalho, a relação com a profissão, as insatisfações do cotidiano, a pressão, a intensificação e os adoecimentos do trabalho e os sonhos de cada uma, com a expectativa de realização pessoal.

# Cine Trabalho

A primeira entrevistada, se chama **Cláudia** de 37 anos, possui Ensino Médio completo, exerce a função de servente, ela é casada e mãe. Os pais vieram da Bahia, seu primeiro emprego foi num açougue e depois trabalhou em vários empregos no comércio, trabalhava sábado, domingo e feriado, não tinha uma folga, era direto (ela reclama), gostava do serviço (reclama que o salário era baixo), por isso decidiu prestar o concurso público para o emprego na Escola. Prestou o concurso de agente de organização escolar em Simões, depois prestou o concurso de servente em Cafelândia, onde passou e exerce essa profissão há três anos nessa escola.

No começo, ela ficou feliz, por ter todo o final de semana livre e podia levar sua filha para a cidade de Bauru nos fins de semana para fazer tratamento médico, ela diz, que se fosse outro emprego, ela não teria essa possibilidade. Reclama que é pouca gente, para muito serviço, o horário da jornada de trabalho é das 8h às 12h30, intervalo para almoço, volta às 14h30 até às 18h de segunda à sexta.

No tempo livre, cuida da casa, dos filhos, no horário de almoço, faz os serviços de banco e paga as contas. À noite, faz o jantar, lava a louça e nos finais de semana cuida da casa, diz que a família não reconhece o empenho de cuidar da casa. Seu sonho, é que os filhos façam faculdade e estejam bem, gostaria de ter mais tranquilidade financeira.

Relata que é evangélica, gostaria de se dedicar mais ao trabalho da igreja, mas não tem tempo.

Problemas de saúde: problemas nas mãos por trabalho repetitivo, artrite reumática que mexe com os nervos.

A segunda entrevistada, se chama **Silvana**, tem 50 anos, casada, mãe e avó. Formada no magistério e pré-escola, trabalha como servente há 4 anos.

Não teve condições de fazer faculdade, terminou o Ensino médio, trabalhou 9 anos de açougueira, depois trabalhou no mercado, na padaria, prestou o concurso para o cargo de servente na prefeitura e trabalha como servente há 4 anos.

Descreve sua rotina de trabalho: que levanta às 6h30 e entra às 8h na escola, cuida da escola, varre a calçada, as salas de aulas, lava os banheiros, os pátios, os refeitórios, limpa as salas de aula e a sala dos professores até às 12h30, depois desse horário, intervalo de almoço,

# Cine Trabalho

vai para casa, almoça e volta para Escola às 14h e faz o mesmo serviço até às 18h. O salário é de R\$ 1.045,00 reais, bruto, com adicional de 20% de salubridade e uma cesta básica.

Passado o período de 3 anos de experiência, ela ganhou a estabilidade no serviço, ela fala da questão de já ser uma pessoa de idade e que vai ficar nesse emprego até se aposentar.

Com relação ao trabalho, ela reclama da questão da cobrança no dia a dia, e que nunca é elogiada. Já viu vários casos onde colegas de trabalho se afastaram do serviço, por causa de depressão, problemas por trabalho repetitivo, entre outros.

Silvana, mora com o marido, o filho, a mulher do filho e uma neta. Todos moram juntos. No tempo livre, ela diz: que sábado vai na casa da mãe, paga as contas na cidade, limpa a casa, no domingo, gosta de fazer o almoço, dormir e ir para a igreja. Em casa, faz o serviço de casa, lava roupa, faz a comida, e não se sente reconhecida pelo trabalho que faz em casa.

Gosta do seu emprego, mas reclama que a vida está difícil, o marido está desempregado, era metalúrgico, mas o serviço era pesado, e ele não estava aguentando mais por causa da idade, resolveu comprar um caminhão pequeno, mas não aparece serviço, o seguro desemprego dele, está praticamente acabando.

Ela gostaria de ter uma vida um pouco melhor, uma situação financeira um pouco melhor, gostaria que o marido arranjasse um emprego e com pelo menos um salário para que ela pudesse ir no mercado e fazer mais compras, gostaria de viver uma vida tranquila.

Ela toma remédio para depressão, ficou afastada por 4 meses do serviço. Gostaria de ser valorizada pelo esforço, como mulher, o marido não dá atenção, parece que o casamento acabou, vivendo com ele 33 anos, diz que: só foi sofrimento, e que agora, espera poder internar o marido em uma clínica de reabilitação e tirar o vício dele, o marido não liga mais para ela, não dá atenção, não parece mais marido e mulher, e ela fica muito chateada com isso.

Reclama da falta de material de limpeza para o trabalho na Escola, que sempre falta.

A terceira entrevistada se chama **Maria Inês**, de 57 anos de idade, tem 4 filhos, casada, mãe, avó e bisavó. Estudou o ensino fundamental incompleto, trabalha como merendeira há 22 anos.

# Cine Trabalho

Já trabalhou de empregada doméstica, no supermercado, na lanchonete, de chapeira, de cozinheira, trabalhou na roça, e no emprego atual de merendeira na escola, reclama que não tem estrutura para trabalhar, falta equipamento e a cozinha é pequena.

Reclama que o salário é muito pouco pelo trabalho que faz, não é reconhecida. Um ponto importante para ela, é com relação a estabilidade no emprego, com o emprego fixo, não precisa ficar mudando, antes trabalhava em dois serviços e agora com a estabilidade não precisa.

Sua rotina, começa às 6h20, quando sai de casa com a filha, com a qual pega uma carona de carro até a escola, entra às 6h30, limpa a cozinha, prepara o lanche, e a comida para os estudantes, trabalha até às 11h, volta às 13h até às 16h30 acaba o serviço, bate o ponto, vai para casa e faz o serviço de casa.

Ela diz: Deus me levanta de manhã, ama o que faz, reclama da cobrança no serviço, e que nunca ninguém elogia.

Chega em casa, tem que fazer todo o serviço, onde mora, não gosta, os vizinhos fazem muito barulho, não respeitam, ficam ouvindo música alta, mas a casa onde mora, ela diz que foi Deus que deu, tenho que ficar lá.

Seus sonhos são: paz, ter os filhos bem, ter a família bem, viver em paz e ver as pessoas em paz, ver os colegas bem.

A quarta e última entrevistada, se chama **Susana**, de 47 anos, solteira, merendeira, boleira e cabelereira. Estudou o Ensino Médio. Trabalha como merendeira há 2 anos, começou a trabalhar com 8 anos numa casa com a mãe, depois em outras casas, trabalhou 19 anos numa empresa terceirizada de bordados, onde exercia o trabalho de bordadeira.

Trabalhou quase 20 anos na mesma empresa, 10 anos com registro e 9 sem registro, ela diz: nunca trabalhe sem registro, foi obrigada, também como doméstica, trabalhou em várias casas e não foi registrada. Fez curso de cabelereira, o que mais gosta de fazer, faz 2 anos que é merendeira e fora do serviço trabalha como cabelereira.

# Cine Trabalho

Ela diz, que Deus deu esse dom para ela, onde ela toca vira ouro, na cozinha, no salão de beleza, mas Deus não deu um dom para estudar, para aprender matemática, entre outras coisas.

Sua rotina de trabalho: diariamente levanta 5h40, sai da casa 6h20 e vai para o trabalho de carro com uma colega, entra às 6h30 e trabalha até 11h, faz a comida, arroz, feijão, salada, suco, servindo as crianças, tem dois recreios, sai às 11h, pega um ônibus circular 11h10, 11h15, vai para casa almoçar intervalo de duas horas para almoço. Depois volta para escola, quando é 12h45 pega uma carona com a filha da outra merendeira que leva ela para escola. Volta, faz de novo a comida, a rotina é duas refeições por dia, servem as crianças. Acaba o serviço as 16h30, vai para o ponto de ônibus, infelizmente não tem mais o ônibus circular, o horário é até 17h10 e aí chega em casa às 17h30.

Chega em casa, pega três ou quatro cabelos por semana para fazer, já tem cliente esperando, toma um banho rápido de 10 minutos. Ganha mais com o serviço de cabelereira, do que com a escola, também é boleira e faz alguns bicos como boleira para ter um adicional no final do mês.

Segundo ela, ela veio nesse mundo para trabalhar, diz que merendeira não ganha como cozinheira, ganha como merendeira, menos do que cozinheira, mas trabalha como cozinheira. Ganha um salário mínimo por mês, mais uma cesta básica, e diz que a vantagem no emprego é a cesta básica que ajuda muito e a estabilidade no emprego.

Quando ela prestou o concurso, era aquilo o que ela sonhava, depois de 2 anos, não é mais aquilo que ela sonhava, acha que merece um pouco mais pelo serviço que realiza. Gosta do serviço que faz, mas não sabe se é isso que ela quer continuar fazendo.

Ela fala também, da questão da independência da mulher, do mito da dependência de um marido, hoje a mulher pode buscar sua independência e não precisa mais de um homem.

Problemas no trabalho: problemas nas mãos e nos pés, ficou 5 meses afastada, problemas de queimaduras, problemas emocionais. O médico disse que ela tem: psoríase emocional e dermatite de contato.

Ela diz que antigamente, as pessoas tinham mais problemas físicos com o corpo, hoje em todas as áreas, o que mais aflige é a depressão, conta da situação de muitas amigas no

# Cine Trabalho

trabalho e também na família, muita depressão, tristeza, não sabe se é o mundo que está hoje, se é a carga de trabalho.

Seu sonho é viver a cada dia, o sonho é pequeno, se pudesse conhecer a Itália ou a Europa ou Fernando de Noronha ou até Campos de Jordão. O sonho dela é ser feliz.

No texto acima, descrevemos a história de vida e trabalho de quatro mulheres que são funcionárias públicas municipais do mesmo lugar. A condição de classe operária, de mulheres que tiveram poucas oportunidades de estudo e de um certo grau econômico, que levaram elas a buscarem um emprego de baixo grau técnico, mas que proporciona pelo menos a estabilidade no emprego. Como vimos, o salário que elas recebem, é um salário mínimo, um salário que mal dá para suprir as necessidades básicas de vida, quase todas acabam fazendo outro tipo de atividade para complementar a renda com alguns tipos de bico.

Com relação as merendeiras, a profissão já é precarizada, pois fazem o mesmo serviço das cozinheiras, mas recebem menos. Todas se dizem pessoas religiosas, e em várias situações, constamos um ethos religioso nas respostas, uma necessidade que essas pessoas encontraram para suprir a falta de esperança e de Estado nas suas vidas. Infelizmente pela falta de oportunidade e condições financeiras, são pessoas que tiveram que se submeter a certos tipos de trabalho em condições mais precárias, tanto de salário, quanto de questões materiais para realizar o próprio serviço.

Outra questão que me chamou a atenção, é que o fato de serem mulheres, acabam por ter um duplo trabalho, o trabalho remunerado e o trabalho de cuidar de casa, cuidar da família, e todas elas reclamaram da falta de valorização do marido e dos filhos com relação ao serviço que elas prestam as famílias.

O mais triste, é que essas trabalhadoras recebem um salário que mal dá para suprir as necessidades básicas e isso com o tempo, faz com que leve essas pessoas a um possível adoecimento por causa do trabalho e problemas emocionais. Infelizmente são pessoas que vivem para o trabalho, que dificilmente podem viajar, sair com a família para ir num cinema ou teatro, porque além das condições financeiras não permitirem, a ideologia que as igrejas e a mídia praticam, em cima dessas pessoas é a ideologia da alienação, que um dia a vida delas vai melhorar, tem que acreditar em Deus, rezar, frequentar a Igreja, pagar o dízimo.

# **Cine** Trabalho

Exploram mais, os mais explorados e criam um mundo imaginário e de sonhos que provavelmente a maioria nunca alcançará.

Contra o processo de precarização do trabalho tanto no Estado, quanto na iniciativa privada, é necessário a urgência da renovação dos partidos políticos, da construção de um novo modelo de organização dos partidos políticos, movimentos sociais e sindicatos, e um maior diálogo com as bases, ou seja, com a classe operária que vive nas piores condições de trabalho.